

Artigo recebido em:  
31.10.2017

Aprovado em:  
19.12.2017

**Claudia Nonato**

Jornalista e Doutora em Ciências da Comunicação; professora do FIAM-FAAM Centro Universitário; diretora administrativa da SBPJor e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (ECA/USP).

E-mail: claudia.nonato@uol.com.br.

**Cláudia Lago**

Doutora em Ciências da Comunicação; professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e presidente executiva da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

E-mail: claudia.lago07@gmail.com.

<sup>1</sup>Uma versão modificada deste artigo foi originalmente apresentada ao grupo temático Estudios sobre Periodismo, durante o 13º Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), em outubro de 2016, na Cidade do México.

Estudos em Jornalismo e Mídia  
Vol. 14 Nº 2  
Julho a Dezembro de 2017  
ISSNe 1984-6924

# A pesquisa em pós-graduação no jornalismo a partir da base de dados dos congressos SBPJor (2014 a 2016)<sup>1</sup>

Claudia Nonato  
Cláudia Lago

## Resumo

Este artigo apresenta uma análise dos resumos, títulos e palavras-chave dos 409 trabalhos apresentados nas Sessões Individuais dos Encontros Nacionais de Pesquisadores de Jornalismo, congresso mantido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) desde 2003. Os resumos dos trabalhos, apresentados nos anos de 2014, 2015 e 2016, foram analisados a partir do método Análise de Conteúdo, com base em categorias propostas por Strelow (2011), que propõem identificar temáticas, matrizes teóricas e meios enfocados pelos pesquisadores. A análise corrobora pesquisas realizadas em outras bases de dados que indicam a variedade temática das pesquisas no campo e aponta para fragilidades ainda persistentes, especialmente em relação às questões metodológicas.

**Palavras-Chave:** Pesquisa em Jornalismo. Encontros SBPJor. Metodologia.

## Abstract

This paper presents an analysis of the abstracts, titles and keywords of the 409 papers presented at the Individual Sessions of the National Meetings of Journalism Researchers, a conference held by the Brazilian Association of Journalism Researchers (SBPJor) since 2003. The papers presented in the 2014, 2015 and 2016, were analyzed based on categories proposed by Strelow (2011), that allow to identify thematic, theoretical matrices and means focused by the researchers. The analysis corroborates research conducted in other databases and points to weaknesses still persistent in the field, especially in relation to methodological issues.

**Keywords:** Research in Journalism. SBPJor Meetings. Methodology.

A pesquisa sobre e como se pesquisa é expediente essencial se pensamos em avançar o conhecimento. E acontece obrigatoriamente quando, na pós-graduação, se exige de orientandos/as o levantamento do “estado da arte” do que se pretende investigar. No entanto, na Comunicação e no Jornalismo, trabalhos de monta que façam uma varredura ampla sobre o conjunto das pesquisas no país ainda são pouco explorados. Em parte, por este tipo de pesquisa não ter tanto apelo (Escosteguy, 2008), em parte pelas dificuldades inerentes ao empreendimento. Quando estes mapeamentos acontecem diferenciam-se enormemente entre si, em termos do que se olha, como e a partir de qual metodologia. Neste sentido, alguns trabalhos vão tentar perceber a consolidação de um campo de pesquisa, como é o caso dos trabalhos de Pinheiro (2013), preocupados em apontar a consolidação da Educomunicação, ou temas específicos, como Escosteguy e Messa (2008), devotados aos estudos de gênero na Comunicação, ou ainda utilização de métodos, como Martinez e Pessoni (2014), verificando o uso da Análise de Conteúdo. Os métodos empregados para tais mapeamentos são distintos, mas especialmente os *corpus* analisados e o espaço temporal são bastante diferentes. Enquanto pesquisadores olham as produções de teses e dissertações, outros se detêm nos periódicos científicos e alguns no que é apresentado em congressos da área. No caso específico da produção em Jornalismo, essa diversidade é evidente, como discutiremos em tópico posterior. Se este fato é compreensível, ele dificulta, no entanto, um olhar mais amplo sobre como efetivamente se configura o campo de pesquisa.

O presente artigo insere-se na vertente que busca perceber a produção atrelada às entidades científicas, instâncias tanto de legitimação quanto de difusão do conhecimento (Bourdieu, 1989). E tem como universo de pesquisa as bases de dados atreladas à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).<sup>2</sup>

A Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) nasceu em 2003, a partir do primeiro Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em novembro na Universidade de Brasília. A entidade surge para congrega pesquisadores, de formações diversas, que se atenam sobre o Jornalismo como matéria-prima de suas pesquisas e reflexões e, ao fazer isso, incentivar a profissionalização e qualificação da pesquisa em Jornalismo no país.

A partir daquele ano a SBPJor passou a promover anualmente o Encontro de Pesquisadores, que se tornou o principal evento de apresentação e discussão de pesquisas sobre o Jornalismo no país. O evento consolidou-se nos anos posteriores mantendo, no entanto, a mesma estrutura básica de submissão/avaliação e aceite dos trabalhos. As pesquisas a serem apresentadas são submetidas para avaliação pelos pares, em um sistema de *double blind review* que envolve os associados plenos (com título de doutorado) da entidade. Os trabalhos podem ser enviados na forma de Sessões Coordenadas, que implicam em artigos unidos previamente por uma mesma orientação (teórica, metodológica, temática, etc) ou Comunicações Individuais, quando não têm vínculo a priori com outras pesquisas e serão agrupados pela Diretoria Científica da entidade, geralmente a partir da temática.

A partir da consolidação do Encontro, o número de trabalhos apresentados girou em torno de 150 até o ano de 2011, quando cresceu até perto de 200, mantendo-se entre 175 a 200 trabalhos desde então. Importante observar que o número de trabalhos apresentados é bastante diferente dos trabalhos submetidos, que chegam a perto de 300 por edição do evento. Outro aspecto importante é que estes números se relacionam também aos locais em que acontece o Encontro, tendendo a ser maior quando no Sul-Sudeste do país, em função da maior presença da pós-graduação nas universidades nestas regiões, e à facilidade de acesso dos grandes centros. Cumpre ressaltar, no entanto, que a entidade procura diversificar os locais de realização de seus Encontros, por defender a necessidade de disseminação da pesquisa fora do eixo tradicional<sup>3</sup>.

<sup>2</sup>Este esforço se deve pela compreensão das autoras da importância da entidade dentro da consolidação do campo de pesquisa em Jornalismo e também pela proximidade com a entidade, na medida em que ocupam e ocuparam cargos de direção da mesma.

<sup>3</sup>Além disso, pesa sobre os Encontros da SBPJor, e os demais das diversas entidades científicas, as incertezas econômicas que têm sido enfrentadas pelos pesquisadores e pelo sistema de pesquisa como um todo no país, especialmente nos dois últimos anos.

Nos três últimos Encontros, realizados respectivamente em Santa Cruz do Sul (RS) – 2014 e Campo Grande (MS) – 2015 e Palhoça (SC) – 2016, foram analisados os resumos e palavras-chave dos trabalhos apresentados às Comunicações Individuais, num total de 129, 130 e 150 papers, respectivamente. Todos os trabalhos estão disponíveis na íntegra, tanto no site da SBPJor<sup>4</sup>, quanto nos Anais no sistema SOAC<sup>5</sup>.

A escolha dos trabalhos apresentados nas Comunicações Individuais e não nas Comunicações Coordenadas deve-se a alguns fatores. O primeiro refere-se às características das Comunicações Individuais, que agregam trabalhos de pesquisadores não conectados em redes prévias, o que geralmente acontece com as Comunicações Coordenadas. Como as Comunicações Coordenadas estão majoritariamente ligadas a pesquisadores com trajetória mais consolidada no campo, envolvendo especialmente as redes de pesquisa que estão montadas ou buscam se consolidar, é de se esperar que estas apresentem uma junção maior em termos metodológicos e especialmente temática. As Comunicações Individuais reúnem pesquisadores em sua maioria não vinculados a grupos mais tradicionais junto aos congressos SBPJor<sup>6</sup> e trazem trabalhos de pesquisadores relacionados às suas pesquisas rotineiras e não necessariamente a demandas de redes que se configuram. Com isso acreditamos que a presente pesquisa pode permitir ampliar a mirada sobre o que se pesquisa em Jornalismo. Em relação ao período, selecionamos três anos consecutivos para verificar se houve variação nos indicadores, mesmo que esta só possa ser percebida em sua inteireza com um recorte temporal maior o que, no entanto, demandaria uma pesquisa de outras proporções.

Para realizar este mapeamento analisamos os resumos e palavras-chave dos 409 papers apresentados nos três últimos anos, disponíveis nos Cadernos de Resumo de cada congresso<sup>7</sup>, buscando identificar principalmente quais são as temáticas e metodologias que os pesquisadores brasileiros elegem como prioritárias em suas pesquisas.

Realizamos uma Análise de Conteúdo a partir do enfoque de Bardin (1977), com o adendo de termos incorporado categorias de análise já propostas por Strelow (2011). Além disso, classificamos os textos segundo suas temáticas, os meios (ou suportes) que foram objeto de investigação por parte dos pesquisadores, os métodos empregados e os campos teóricos postos em movimento nas pesquisas. As divergências em relação à proposta de Strelow serão apontadas na análise dos dados. O campo teórico que subsidia este trabalho é explicitado a seguir.

## Pesquisa em Jornalismo no Brasil: alguns levantamentos anteriores

As pesquisas em Jornalismo foram constitutivas dentro do campo da Comunicação. Desde os primórdios da configuração deste campo como autônomo, o Jornalismo tem sido objeto de discussão (Marques de Melo, 1984). Mas também tem sido objeto de pesquisas em outros campos, como as Ciências Sociais e Humanas em geral, em que pese não identificarmos nestes espaços discussões que apontem para o estado da arte destas pesquisas.

Não é o que acontece no Jornalismo, quando este é pensado dentro do campo da Comunicação. Apesar das dificuldades e da pouca importância relativa ainda devotada a pesquisas que se debruçam sobre o estado da arte, podemos encontrar vários autores que se perguntam sobre a questão do “o quê” se pesquisa em Jornalismo, em que pesem a diversidade de métodos empregados para alcançar estes objetivos e, especialmente, a diversidade dos *corpus* selecionados pelos autores para investigar.

Strelow<sup>8</sup> (2011) indica os trabalhos de alguns destes analistas, como Marques de Melo (2007) e Moreira (2005), que elegeram como *corpus* revistas científicas. Outros, como Meditsch e Segala (2005) e Hohlfeldt e Strelow (2007), analisaram

<sup>4</sup>Acessível pelo endereço: [www.sbpjor.org.br](http://www.sbpjor.org.br)

<sup>5</sup>Nos endereços a seguir, que correspondem aos anos de 2014, 2015 e 2016:

<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJor/>  
<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIENPJor/>  
<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/schedConf/presentations>  
<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2016/schedConf/presentations>

<sup>6</sup>Em levantamento realizado anteriormente, observou-se a base de dados das Comunicações Coordenadas (LAGO, 2014), com o objetivo específico de pensar sobre a organicidade (ou não) das pesquisas apresentadas dentro deste escopo. Na época tratava-se de conhecer para atuar, já que a consolidação das redes de pesquisa da SBPJor era meta da então gestão.

<sup>7</sup>As autoras, como membras do Conselho Científico dos eventos, tiveram acesso ao PDF do Caderno de Resumos, o que permitiu a coleta direta dos títulos, resumos e palavras-chave, que de outra forma seria possível, mas muito mais trabalhosa (a partir dos Anais dos congressos, disponíveis online conforme indicado anteriormente). Em 2017 os Cadernos de Resumo da entidade passaram a ser online, o que passou a permitir este tipo de abordagem por pesquisadores em geral. Aliás, foi a percepção de que é necessário compartilhar de forma digital toda e qualquer informação relativa a esses espaços de produção/difusão de conhecimento que levou a SBPJor a produzir Cadernos de Resumos online. Cumpre ainda notar que os materiais como os PDFs dos Cadernos de Resumos recentes, apesar de não publicizados, estão à disposição dos pesquisadores interessados, mediante solicitação à direção da entidade.

<sup>8</sup>A autora também faz um levantamento dos autores que pensam o estado da arte das pesquisas com um recorte histórico, mas para efeitos deste trabalho mencionamos apenas aqueles que realizaram seus levantamentos olhando para o campo mais recentemente, a partir do ano 2000.

<sup>9</sup>Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), que tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.

<sup>10</sup>Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

a produção de congressos da área. Benetti (2005), por sua vez, produziu uma discussão em cima do que chamou de “três ambientes”, a estrutura dos programas de pós-graduação em Comunicação (a presença e características das linhas de pesquisa relacionadas ao Jornalismo), os Grupos de Pesquisa sobre Jornalismo na base do CNPq<sup>9</sup> e os trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho de Jornalismo da Compós<sup>10</sup>. Machado tem realizado análises sobre a produção em Jornalismo, tanto junto aos congressos da SBPJor (MACHADO; ROHDEN, 2016), quanto junto ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo da Compós (MACHADO; SANT’ANNA, 2014). E, mais recentemente, podemos identificar trabalhos que procuram perceber as pesquisas em relação a certos eixos temáticos, como o de Martinez, Lago e Lago (2016), que olhando para a base de dados da SBPJor busca perceber quais pesquisas têm como eixo os Estudos de Gênero.

Interessante observar que estes trabalhos têm em comum o fato de terem sido divulgados/apresentados em espaços relacionados à SBPJor, ou na *Brazilian Journalism Research* (BJR), revista produzida pela entidade, ou em seus Encontros, o que por si só aponta para a importância de voltarmos para sua base de dados se desejamos pensar o estado da arte da pesquisa em Jornalismo no Brasil.

Além desse detalhe, estes mapeamentos têm muito pouco em comum em termos de *corpus*, período analisado e metodologia, o que dificulta o cotejamento dos resultados. Mais ainda, os trabalhos realizados sobre momentos muito anteriores, fornecem um retrato do campo que dificilmente se mantém, principalmente em termos das temáticas identificadas como centrais para a pesquisa em Jornalismo. O levantamento de Meditsch e Segala (2005), que se ocupou dos 263 *papers* apresentados de 2003 a 2004 nos congressos da Compós, Intercom e SBPJor de então identifica 14 temas possíveis e aponta para a dificuldade de se pensar essa categorização. É também o caso dos mapeamentos de Moreira (2005) e Benetti (2005), que apontam para o crescimento, na época, das pesquisas sobre jornalismo digital, um tipo de temática que hoje já está consolidada e é uma das mais evidentes em termos quantitativos da produção. O trabalho de Marques de Melo (2007), produzido inicialmente como Conferência de Abertura do Congresso da SBPJor em 2006, e posteriormente publicado na Revista da Intercom, também é um exemplo da dificuldade de se cotejar olhares tão distintos. A partir da observação de periódicos sobre Jornalismo, três revistas ainda no seu início, como o *Pensamento Jornalístico Brasileiro* (PJB - descontinuado), a *Brazilian Journalism Research* e a própria *Estudos em Jornalismo e Mídia* o autor identifica o que categoriza como dois tipos de pensamento sobre o jornalismo e seus respectivos autores, o “Problematizador” e o “Institucionalizador”, em uma perspectiva que dificilmente nos ajuda a pensar o que é a produção de pesquisa em Jornalismo hoje.

Nesse sentido é interessante observar que o que une levantamentos anteriores e os mais atuais é a percepção de uma diversidade temática no campo, que portanto se mantém e caracteriza a produção. Apesar disso é mister observar que alguns temas continuam sub representados, como o dos estudos de gênero, ou raça/etnia, aspecto corroborado pelo levantamento de Martinez, Lago e Lago (2016), que ao debruçar-se sobre os mais de 1.500 trabalhos apresentados nos Encontros da SBPJor até 2014, encontraram apenas cinco trabalhos com a temática Gênero. Ou seja, a diversidade temática coexiste com zonas de silenciamento, enfoque que explicitaremos ao analisarmos a produção objeto deste estudo.

Outro aspecto que permite uma aproximação dos resultados dos mapeamentos diz respeito às indagações sobre a face metodológica da produção científica em Jornalismo, quando os autores que os produzem sobre isso se detêm. Em 2005, analisando os três ambientes (Grupos de Pesquisa do CNPq, Programas de Pós-Graduação em comunicação e Produção do GT de Jornalismo da Compós), Benetti já alertava para a necessidade do engajamento dos pesquisadores em discussões e

aprofundamentos de natureza metodológica. Logo em seguida Hohlfeldt e Strelow (2007) identificam a pouca explicitação metodológica das pesquisas, apesar de entenderem que a maioria delas (mais de 70% do *corpus* que analisaram) ser de natureza empírica. Este achado é corroborado pelos trabalhos mais recentes de Machado, que tem se dedicado a descrever o estado da arte da pesquisa em Jornalismo e aponta para, entre outros, a fragilidade metodológica no campo. Em suas pesquisas o autor detém-se na produção dos congressos da SBPJor (Machado e Rohden, 2016) e da Compós (Machado e Sant'anna, 2014). Analisa todos os trabalhos apresentados nas conferências da SBPJor de 2003 a 2007, num total de 509 e no GT de Jornalismo da Compós de 2000 a 2010, num total de 104 *papers*. Tendo como referência as categorias 1) tipos de pesquisa 2) padronização formal 3) tipo de matrizes metodológicas e 4) nível de formação dos autores, Machado, Rohden e Sant'Anna apontam para a preponderância de pesquisadores doutores nessas bases, bem como, a exemplo do apontado anos antes por Hohlfeldt e Strelow<sup>11</sup> (2007), a predominância de pesquisas empíricas, convivendo com “a forte tradição da pesquisa ensaística e da inexistência de pesquisas aplicadas” (Machado e Rohden, 2016, p. 240). O principal alerta, no entanto, diz respeito ao que os autores indicam como falta de rigor metodológico, seja do ponto de vista formal, na conformação dos textos a partir dos cânones científicos, seja na não explicitação da metodologia nos trabalhos.

Dos mapeamentos levantados, o de Strelow (2011), produto de uma pesquisa em nível de pós-doutorado, reúne algumas características que, acreditamos, permite um cotejamento mais produtivo. Além de tentar construir o estado da arte de 2000 a 2011, portanto em um período mais recente, a autora busca analisar as temáticas envolvidas na produção, a metodologia, e o que identifica como campos teóricos, ou seja, as matrizes teóricas manifestas que dão suporte à produção. Apesar de ter tomado como *corpus* de análise revistas científicas da área, acreditamos que tecer comparações a partir da categorização proposta por Strelow pode ser profícuo em termos de iluminar a produção do campo. Assim, a opção metodológica em trabalhar a partir de categorias formuladas em estudo anterior deve-se à intenção de tentar perceber similitudes e diferenças entre *corpus* e períodos distintos. Como aponta Herscovitz (2010), a Análise de Conteúdo, mesmo centrada em codificações e operações individuais, permite replicar as análises empíricas.

Strelow (2011) categoriza seu material em: Título da Publicação, Ano, Número, Páginas, Tema, Campo Teórico, Método Citado e Meio Analisado. Suas observações, no entanto, se detêm especialmente nas categorias Tema, Campo Teórico, Método Citado e Meio Analisado. Enquanto as categorias Método Citado e Meio Analisado são facilmente aplicáveis, as categorias Tema e Campo Teórico apresentam um desafio, pois estão relacionadas a menções feitas pelos autores dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa, ou a inferências da autora ao se debruçar sobre este *corpus*. Com isso, há um aparente excesso de categorias nas quais se enquadram os textos. Para efeitos da análise inicial, optamos por manter esta conformação, tal qual se apresenta na pesquisa que serve de comparativo. A problematização destas categorias será realizada nas considerações finais, bem como a aproximação entre os resultados obtidos por Strelow e os encontrados na presente pesquisa.

## Os trabalhos apresentados nos Encontros da SBPJor 2014, 2015 e 2016

Como mencionado, ao todo foram analisados os 409 títulos, resumos e palavras-chave de textos apresentados nos Encontros da SBPJor nos anos de 2014, 2015 e 2016. Os resumos foram coletados dos PDFs dos Cadernos de Resumos dos três anos, conforme indicado anteriormente, e organizados em tabelas por ano, contendo Título, Autor/a, Resumo e Palavras-chave. A estas tabelas foram acrescentadas as catego-

<sup>11</sup>Observe-se que o intervalo de tempo de análise de Machado e Rohden, na base de dados da SBPJor, foi semelhante ao de Hohlfeldt e Strelow. No entanto, Machado e Sant'Anna encontraram resultados semelhantes analisando um intervalo maior na base de dados da Compós.

rias já propostas por Strelow (2011). A leitura dos elementos obtidos nos Cadernos de Resumo permitiu a organização segundo as demais categorias.

Desta forma o *corpus* foi classificado segundo: 1) Meios de Comunicação, o suporte que os autores pesquisaram; 2) Temáticas; 3) Metodologias empregadas e 4) Campo Teórico, o horizonte conceitual indicado pelos autores. A classificação muitas vezes foi feita a partir de indícios, já que nem sempre estes indicadores são mencionados nas peças analisadas.

A produção do Encontro SBPJor de 2014, com 130 trabalhos, apontou para a predominância dos tradicionais meios jornal e revista como favoritos, com 28 e 12 trabalhos, respectivamente, dedicando-se a eles, seguidos de 37 trabalhos que não mencionam qual o suporte, 19 sobre televisão, e respectivamente 14 e sete sobre redes sociais e portais. Cinco trabalhos dedicaram-se à livros, enquanto apenas quatro ao rádio que, no entanto, superaram as agências de notícias (2), cinema (1) e assessoria de imprensa (1).

Em termos de temática, Estudos de Linguagem teve 20 trabalhos, seguido por Jornalismo Digital (18), Jornalismo Especializado (17), Telejornalismo (14) e Transformações no Jornalismo (13). Temas consolidados persistem, em patamar menor: Jornalismo e Representação e História do Jornalismo (7) e Teorias do Jornalismo, Rotinas Jornalísticas, Pesquisa em Jornalismo, Jornalismo e Cidadania (6). Na lanterna, Rádio e Fotojornalismo (3), Jornalismo e Recepção e Ética Jornalística (2) e Jornalismo e Sociedade (1).

Em termos de metodologia é interessante observar que a maioria dos trabalhos é de análise reflexiva/teórica (30). Corroborando a importância dos Estudos de Linguagem, metodologias de Análise de Conteúdo (20), Análise de Discurso (11) e Análise Narrativa (9) são significativas. Também é significativo o Estudo de Caso (17) e a não indicação metodológica (7).

Do ponto de vista conceitual, ou seja, o Campo Teórico, estudos sobre Discurso e Narrativa são os mais expressivos, com 35 trabalhos, seguidos de Jornalismo Digital (14) e Novas Mídias/Convergência (11), Jornalismo Especializado (10), Sociologia do Jornalismo (9), História (9) e Estudos do Jornalismo (8), Gêneros jornalísticos (7) e Epistemologia do Jornalismo (5), com uma pulverização dos demais campos.

Em 2015 o cenário permaneceu semelhante, com pequenas alterações que apontaremos. Foram apresentados 134 trabalhos em Sessões Individuais e as principais temáticas foram Jornalismo Especializado (28) e Estudos de Linguagem (22). Seguem-se Jornalismo Digital (13), Transformações no Jornalismo (11) e Pesquisa em Jornalismo (10). Jornalismo e Cidadania tiveram nove trabalhos, enquanto Telejornalismo e Jornalismo e Representação tiveram oito, seguidos por Teoria do Jornalismo, Rotinas Jornalísticas e Ensino do Jornalismo, com seis. Vale destacar que Ensino do Jornalismo não apareceu no ano anterior como temática identificável. História do Jornalismo, Jornalismo e Recepção, Ética e Fotojornalismo aparecem com dois trabalhos cada, enquanto três foram sobre Radiojornalismo.

Em termos de meio, o quadro também pouco alterou, mas aparecem novos suportes como objeto de interesse: Memes e WebTV (1), Games (2) e Aplicativos (3). Agência de Notícias, Cinema e Fotografia persistem na lanterna com um trabalho, e há um decréscimo do interesse nas Redes, que têm dois trabalhos. Livro possui três, enquanto Rádio cresce, indo para quatro trabalhos. O interesse em Portais e Revista também se amplia, com dez trabalhos, enquanto TV vai para 16 e o campeão de interesse, o Jornal, implica em 38 trabalhos. Observe-se que 41 dos trabalhos não indicam suporte, o que significa, por sua vez, um olhar mais genérico sobre o Jornalismo.

Dos métodos de pesquisa, a Análise Reflexiva continua vitoriosa, com 30 trabalhos, acompanhada pelo Estudo de Caso (25). Os métodos que se colam à questão da linguagem seguem importantes, como Análise de Conteúdo (20), Análise Narra-

tiva (12) e Análise de Discurso (10). Entrevistas com jornalistas aparecem em nove trabalhos, seguidas por Pesquisa Exploratória (7), Pesquisa Documental (6), Observação Participante (5), Pesquisa quantitativa (4), Revisão Teórica (3), Método Comparativo (2), Bibliometria (1), Pesquisa de Recepção (1) e Semiótica (1).

Em termos de Campos Teóricos aparecem mudanças importantes, como no ano anterior, análises voltadas para a questão do Discurso e das Narrativas permanecem as mais executadas, com 37 trabalhos, ainda seguido de perto pelo estudo do Jornalismo no Ambiente Digital (se somarmos este com o Campo de Novas Mídias). Outros campos também permanecem em seus patamares, mas há um significativo crescimento dos estudos sobre a Epistemologia do Jornalismo, com 16 trabalhos, e de Critérios de Noticiabilidade e Valores Notícias, com 12 trabalhos, além de um decréscimo nos estudos de Telejornalismo, com apenas dois trabalhos.

Em 2016, dos 150 trabalhos analisados 52 não identificaram nos resumos os meios de comunicação abordados no artigo. Jornais (23), agora também em Web (10), Telejornais (17) e Rádio (9) continuam entre os mais citados, seguidos por Revista (9) e Fotografia (6), que aparecem em destaque pela primeira vez em três anos. Em 2016 os Livros continuam com cinco trabalhos, e os meios *online* e digitais aparecem em destaque com os Portais de Notícias (4), Redes Sociais (4), Web (4) e Dispositivos Móveis (2). Assessorias de Comunicação, Institucional e Pública também aparecem pela primeira vez, com um trabalho cada, além de Agência de Notícias.

Entre as temáticas mais citadas, os Estudos de Linguagem/Discurso permanecem em primeiro lugar, com 39 ocorrências, seguido de Jornalismo Especializado (20) e Digital (19). As Rotinas Jornalísticas aparecem pela primeira vez, com dez citações, além do Jornalismo Regional, com sete. As Teorias e Transformações do Jornalismo (9), Jornalismo e Representação (5), História (4) e Cidadania (4) aparecem em seguida. Além das rotinas, alguns temas aparecem pela primeira vez na lista: Gênero (3), Jornalismo Alternativo e Independente (3), Jornalismo de Dados (2), Educação (2) e Imersivo (1). O Telejornalismo tem uma quantidade pequena de citações (3), assim como o Radiojornalismo (2).

No campo teórico, os Estudos do Discurso e da Narrativa crescem consideravelmente em 2016, com 53 trabalhos, seguidos dos Processos de Produção Jornalística (19), que aparecem pela primeira vez, assim como as Rotinas, Jornalismo Digital (14), Convergência de Mídias (12), Critérios de Noticiabilidade/Valores Notícia (7). Há um número expressivo de trabalhos que se debruçam sobre a Deontologia do Jornalismo (7), que se soma à Ética (6). São também seis os trabalhos de História do Jornalismo. Outros campos que aparecem pela primeira vez são a Identidade (5) e a Geografia da Comunicação (4).

E, finalmente, os métodos mais utilizados em 2016 foram a Análise Reflexiva (43), Estudo de Caso (35) e Análise de Conteúdo (24). Vinte trabalhos não especificaram o método utilizado, problema que persiste nos três anos pesquisados. A Análise do Discurso de Linha Francesa aparece em 16 resumos; as Entrevistas em seis, seguida de Análise Documental, combinação de técnicas, Estudo Comparado, Etnografia, Narratologia e Pesquisa Quantitativa, com uma citação cada.

## Consolidação dos dados e impressões iniciais

A pesquisa de Strelow (2011) identificou algumas então tendências no período analisado, como o crescimento dos estudos que enfocam o Jornalismo a partir da relação com o digital, apesar ainda do grande interesse dos pesquisadores em olhar o jornal impresso como meio empírico de análise, a consolidação de pesquisas sobre Teorias, Pesquisa e Epistemologia do Jornalismo, e a importância numérica das pesquisas sobre Jornalismo Especializado, o crescimento de trabalhos sobre discurso

e narrativa, rotinas produtivas, a ausência comparada de estudos sobre Ensino do Jornalismo, Radiojornalismo, Agências de Notícias, e também o pouco número de trabalhos sobre Ética ou pesquisas que enfocassem a recepção. Mais determinante é a constatação do número de pesquisas (no *corpus* analisado pela autora 46,2%) que “negligenciam a discussão metodológica” (2011, p.87), aspecto que reforça observações de trabalhos anteriores, como Benetti (2005) e Machado e Rohen (2016)<sup>12</sup>.

Da mesma forma, a análise dos trabalhos propostos individualmente pelos pesquisadores nos Encontros da SBPJor em 2014, 2015 e 2016 aponta para permanências, consolidações e ausências, e, especialmente, a baixa preocupação metodológica, utilização extensiva de alguns métodos em especial e a importância numérica de pesquisas que enfocam o texto jornalístico, especialmente o relacionado ao jornal impresso, em que pese a consolidação das pesquisas sobre jornalismo digital.

O achado mais significativo talvez refere-se à questão metodológica. Esta persiste como um grande desafio a ser enfrentado pelos pesquisadores brasileiros e transparece tanto na opção por trabalhos de ordem reflexiva, em que a metodologia aparece subsumida ao panorama teórico, quanto na não identificação dos aspectos metodológicos nos resumos, o que seria no mínimo aconselhável. Esta constatação, antes de ater-se a um aspecto formal dos trabalhos, é um indicativo da percepção da pouca importância deste aspecto por inúmeros pesquisadores e, acreditamos, pode dificultar inclusive a tão propalada internacionalização das pesquisas brasileiras, uma vez que – no panorama internacional – o rigor com a perspectiva metodológica, mesmo que possamos criticar determinados vieses, é essencial.

Outro aspecto a ser ponderado é a quase inexistência de trabalhos de metodologia quantitativa<sup>13</sup> entre nós, pesquisadores brasileiros. Além disso, há um crescimento de quase 50% de artigos voltados para a análise reflexiva e também de estudos de caso. A tabela abaixo, que incorpora a metodologia dos três anos, indica esses problemas:

**Tabela 1 – Métodos de pesquisa 2014, 2015 e 2016**

MÉTODOS DE PESQUISA	2014	2015	2016
Análise Reflexiva	30	30	43
Análise de Conteúdo	20	20	24
Estudo de Caso	17	25	35
Análise do Discurso	10	10	16
Análise Narrativa/Narratologia	9	11	1
Pesquisa quantitativa	9	4	0
Não especificou	7	2	20
Observação Participante	5	5	0
Estudo comparado	4	2	1
Entrevistas	3	9	6
Pesquisa documental	3	6	1
Semiótica/Semiologia	3	1	0
Análise de Enquadramento	2	1	0
Pesquisa exploratória	2	7	0
Arquitetura de Informação	1	0	0
Bibliometria	0	1	0
Combinação de técnicas	2	0	1
Etnografia	1	0	1
Grupo Focal	1	0	0
História Oral	1	0	0
Pesquisa quantitativa	0	0	1
<b>Total</b>	<b>130</b>	<b>134</b>	<b>150</b>

Fonte: Autoras, 2017.

<sup>12</sup>Apesar da pesquisa em questão ser posterior, o espaço temporal analisado é anterior ao de Strelow.

<sup>13</sup>Se é verdade que a pesquisa com abordagem quantitativa pode aparecer associada a outros métodos e, portanto, existir mesmo sem menção no resumo, a não explicitação de qualquer elemento que possa indicar uma pesquisa de cunho quantitativo é um importante indício de sua inexistência.

Do ponto de vista das temáticas e dos campos teóricos postos em circulação, apesar da inegável diversidade da pesquisa em Jornalismo no Brasil, já apontada pelos autores citados anteriormente, alguns assuntos e matrizes permanecem no ostracismo. A ausência de estudos que tematizem as questões de gênero é exemplar, pois é no campo da Comunicação, especialmente no Jornalismo, que se constroem as representações do feminino e do masculino, as identidades e os estereótipos atrelados tanto ao gênero quanto às orientações sexuais. Em um campo profissional atualmente majoritariamente feminino (Mick; Lima, 2013; Figaro; Nonato; Grohmann, 2013) que, no entanto, academicamente não reflete sobre o lugar e a construção do gênero, ao contrário do que acontece em outros campos irmãos, notadamente na sociologia, antropologia, educação, em que as questões das relações de gênero são fundamentais. Como se pode ver no quadro abaixo, a temática aparece apenas em trabalhos de 2016. Outra ausência notável diz respeito aos trabalhos que pensem as relações de raça/etnia, completamente ausentes dessa base de dados.

**Tabela 2 – Temáticas 2014, 2015 e 2016**

TEMÁTICAS	2014	2015	2016
Estudos de linguagem/discurso	20	22	39
Jornalismo especializado	17	28	20
Jornalismo digital	18	13	19
Rotinas jornalísticas	6	6	10
Teorias do jornalismo	6	5	9
Transformações no jornalismo	13	10	9
Jornalismo regional	0	0	7
Jornalismo e representação	7	8	5
História do jornalismo	7	2	4
Jornalismo e sociedade/cidadania	6	9	4
Gênero	0	0	3
Jornalismo alternativo/independente	0	0	3
Telejornalismo	14	7	3
Jornalismo de dados	0	0	2
Jornalismo e educação	0	0	2
Pesquisa em jornalismo	6	10	2
Radiojornalismo	3	3	2
Ciberjornalismo	0	0	1
Ensino do jornalismo	0	6	1
Jornalismo imersivo	0	0	1
Ética jornalística	2	2	0
Jornalismo e recepção	2	2	0
Fotojornalismo	3	1	0
<b>Total</b>	<b>130</b>	<b>134</b>	<b>146</b>

Fonte: Autoras, 2017.

Na tabela acima, é possível perceber que em 2016 aparecem questões até então silenciadas nos artigos apresentados nos anos anteriores. Destaque para a questão do jornalismo alternativo e independente e das rotinas jornalísticas. Nos últimos anos, diversos pesquisadores têm procurado entender as reconfigurações do Jornalismo a partir das tecnologias, envolvendo os novos modelos produtivos do Jornalismo (Hilsenbeck Filho et al, 2016), a mídia alternativa (Carvalho; Bronosky, 2017) e os debates sobre a mídia independente (Assis et al, 2017), além das atuais condições de produção do jornalismo e do trabalho do jornalista (Figaro; Nonato, 2017), entre outros, e essa preocupação se reflete nos artigos apresentados na SBPJor. Além do alternativo, o jornalismo regional, o de dados e o ligado à educação também aparecem

pela primeira vez. Ao mesmo tempo, notamos uma queda na quantidade de pesquisas relacionadas ao telejornalismo.

Em relação aos meios de comunicação, uma grande quantidade de resumos, nos três anos pesquisados, não especificou o meio de comunicação enfocado, mas nota-se que os meios tradicionais (jornais impressos e online, rádio, televisão e revista) continuam sendo os mais investigados, conforme a tabela a seguir.

**Tabela 3 – Meios de Comunicação 2014, 2015 e 2016**

MEIOS DE COMUNICAÇÃO	2014	2015	2016
Não especificado	37	44	52
Jornais	28	35	23
Telejornais	19	16	17
Rádio	4	4	9
Revista	12	10	9
Fotografias	0	1	6
Jornais impressos/web	0	0	10
Livros	5	3	5
Portais de notícias online	7	10	4
Redes Sociais	14	2	4
Web	0	1	4
Assessorias de comunicação, institucional e pública	1	0	3
Dispositivos móveis/aplicativos	0	3	2
Agências de notícias	2	1	1
Jornal impresso e rádio	0	0	1
Games	0	2	0
Cinema	1	1	0
Memes	0	1	0
<b>TOTAL</b>	<b>130</b>	<b>134</b>	<b>150</b>

Fonte: Autoras, 2017.

Vale ressaltar a abordagem das assessorias de comunicação, institucional e pública, que aparecem em 2016, e a queda de pesquisas relacionadas às redes sociais.

A preocupação com os novos modelos de jornalismo se reflete no campo teórico com as pesquisas que abordam os processos de produção jornalística, seja em impressos, digitais, rádio e televisão. A preocupação com a deontologia do jornalismo e identidade também aparecem com maior vigor no último ano, enquanto questões como semiótica e estudos de recepção simplesmente desaparecem, como aparece na tabela a seguir.

Tabela 4– Campos Teóricos 2014, 2015 e 2016

CAMPOS TEÓRICOS	2014	2015	2016
Estudos do discurso e da narrativa	35	37	53
Processos de produção jornalística	0	0	19
Estudos sobre jornalismo digital	14	21	14
Estudos sobre convergência midiática/novas mídias	11	5	12
Critérios de noticiabilidade e valores notícia	4	12	7
Deontologia do jornalismo	0	0	7
Ética jornalística	2	1	6
História do jornalismo	9	8	6
Estudos sobre jornalismo	0	0	5
Identidade do jornalista	0	0	5
Geografia da Comunicação	0	0	4
Epistemologia do jornalismo	5	16	3
Sociologia do jornalismo	8	6	2
Arquitetura da informação	0	0	1
Economia Política da Comunicação	1	1	1
Gêneros jornalísticos	7	5	1
Jornalismo especializado	10	6	1
Agenda Setting	1	2	0
Teorias da representação	0	2	1
Teorias do imaginário	0	0	1
Agenda Setting	1	2	0
Estudos Culturais	2	2	0
Estudos de recepção	4	2	0
Estudos sobre telejornalismo	8	2	0
Semiótica	1	2	0
Fotojornalismo	2	1	0
Campo Social	1	1	0
Teoria Crítica	2	0	0
Ensino do jornalismo	1	0	0
Teorias da Ação Política	0	1	0
Estudos filosóficos	1	0	0
<b>Total</b>	<b>130</b>	<b>134</b>	<b>150</b>

Fonte: Autoras, 2017.

## Conclusões

“Essencialmente todos os modelos são errados, mas alguns são úteis”<sup>14</sup>, é uma percepção que guiou a proposta desta pesquisa mapeamento. Qualquer Análise de Conteúdo tem o mérito e o demérito de trazer impressa a subjetividade do pesquisador, na organização e proposição de categorias, mesmo que isso não seja tão evidente, e especialmente ao se debruçar sobre um *corpus* vasto, que permite inúmeras entradas e cruzamentos.

Seguir uma categorização anterior, proposta por outra pesquisadora, se por um lado permite construir uma análise que avance a partir de um determinado ponto já

<sup>14</sup> “Frase atribuída ao estatístico britânico Geroge Box. Na língua original: “essentially, all models are wrong, but some are useful”.

dado, por outro pode trazer outras dificuldades e limitações. No caso presente, se a categorização proposta, ao referir-se aos meios (suportes) é facilmente aplicável, já não o é em relação às temáticas e é especialmente problemática no quesito campo teórico. Essas categorias, que aparecem em um primeiro momento com uma divisão excessiva têm, no entanto, o grande mérito de apontar para a diversidade que marca a produção em pesquisa no campo jornalístico, tendência observada em levantamentos anteriores, já apontados neste texto, e que se consolida e amplia na atualidade. Este dado é importante para percebermos a consolidação do próprio campo.

E, se operarmos um trabalho de junção das diversas categorias propostas no campo teórico, ainda teremos um quadro bastante visível da concentração da pesquisa em Jornalismo nos Estudos do Discurso e das Narrativas com 35, 37 e 53 trabalhos apresentados nos anos respectivos de 2014, 2015 e 2016. Esta concentração evidencia uma lógica do campo que tem realizado número considerável de pesquisas utilizando-se das premissas dos campos de estudos do discurso e das narrativas, e conseqüentemente de metodologias que se adequam a essa perspectiva, o que explica, por exemplo, o expressivo número de trabalhos que utilizam-se de análises de conteúdo ou análise de discurso, para citar abordagens evidentes.

Procedendo-se a uma junção dos trabalhos que versam sobre o Jornalismo Digital (Estudos sobre jornalismo digital/Estudos sobre convergência midiática/novas mídias), teremos 25, 26 e 26 trabalhos nos três anos. E, unificando Ética e Deontologia, pularemos de 2 e 1 para 13 trabalhos em 2016.

Estas junções permitem confirmar o que já adiantamos: o campo de pesquisa tem uma vocação para a diversidade temática e teórica, mesmo que algumas questões centrais na atualidade ainda não apareçam como essenciais nas pesquisas.

O que também aparece como evidente, por outro lado, é a sub referenciação metodológica das nossas pesquisas e a predominância de abordagens qualitativas. Podemos buscar inúmeras explicações e hipóteses para esta configuração, mas o fato é que concentramos nossos esforços em metodologias qualitativas, de inegável importância, mas que devem ser combinadas com olhares mais amplos, possíveis a partir do levantamento de índices e indicadores que podem ajudar a configurar mais acuradamente o campo jornalístico.

É possível verificar, a partir dessas leituras, que ocorreram mudanças nos últimos três anos, mas que ainda são pouco significativas em relação aos temas, campos teóricos, meios de comunicação e métodos dominantes. Há, também, a possibilidade de cruzamento dos dados, que servirão de ponto de partida para novas discussões sobre o tema.

Por fim, cabe apontar uma limitação desta pesquisa, derivada do fato de observar apenas metadados como título, resumos e palavras-chave. A ampliação do estudo, incorporando o cruzamento com os autores, a ser realizada em etapa posterior, por exemplo, é uma possibilidade que pode ampliar a compreensão do campo que estamos construindo.

---

## Referências

ASSIS, E.; CAMASÃO, L.; SILVA, M.; CHRISTOFOLETTI, R. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**. Vol. 4, n o 1, 2017, p. 3 a 20. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899/5813>. Acesso em 31 out 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BENETTI, M. Data and reflections on three Journalism Environments. **Revista Brazilian Journalism Research**, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CARVALHO, G. BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**. Vol. 4, n o 1, 2017, p. 21 a 29. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10007/5830>. Acesso em 31 out 2017.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. [recurso eletrônico]. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/comunicacaoegenero.pdf> Acesso em 11 dez 2017.

FIGARO, R. (coord.); Nonato, C.; Grohmann, R. **Los cambios en el trabajo del periodista**. Barcelona: Editorial UOC, 2015.

\_\_\_\_\_, NONATO, C. Novos “arranjos econômicos” alternativos para a produção jornalística. Contemporânea. **Revista de Comunicação e Cultura**. Dossiê temático inovação no jornalismo: escopo e percursos. Vol. 15, n o 1, 2017, p. 47 a 63. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21451/14492>. Acesso em 31 out 2017.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, Vozes, 2010.

HOHLFELDT, A.; Strelow, A. Metodologias de pesquisa. O estado da arte no campo do jornalismo. In: **Anais do 5º SBPJor - Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Aracaju, 2007.

MACHADO, Elias; SANT'ANNA, Jéssica. Limitações metodológicas na pesquisa em Jornalismo: Um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da COM-PÓS (2000-2010). **Pauta Geral – Revista Brasileira de Jornalismo**, v.1, nº1, (2014).

MACHADO, Elias; ROHDEN, Julia. Metodologias de pesquisa aplicadas ao jornalismo: um estudo dos trabalhos apresentados na SBPJor (2003- 2007). In: **Brazilian Journalism Research** - Volume 12 - Número 1- 2016.

MARQUES DE MELO, J. **Pesquisa em comunicação no Brasil: tendências e perspectivas**. São Paulo: Cortez/Intercom; 1984; 2006.

\_\_\_\_\_. Pensamento jornalístico: a moderna tradição brasileira. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.30, n.2, p. 15-40, jul./dez. 2007

MARTINEZ, Monica; PESSONI Arquimedes. O Uso da Análise de Conteúdo em Jornalismo: pesquisas feitas com o método na Intercom de 1996 a 2012. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu (PR). **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Editora da Intercom, 2014.

MARTINEZ, Monica, LAGO, Cláudia e LAGO, Mara Coelho de Souza. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

MICK, J. e LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis, Insular, 2013.

MEDITSCH, E.; SEGALA, M. Trends in three 2003/4 Journalism academic meetings. **Revista Brazilian Journalism Research**, n.1, v.1, 2005.

MOREIRA, S. Trends and new challenges in Journalism Research in Brazil. **Revista Brazilian Journalism Research**, n.1, v.2, 2005.

PINHEIRO, Rose Mara. **A educomunicação nos centros de pesquisa do país**: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.27.2013.tde-27022014- 111812. Acesso em 11 dez 2017.

STRELOW, A. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, 2010.